

# Arte feita de idéias

*Pesquisa no MAC - USP  
põe museus em  
xeque com arte conceitual*

Como vemos a arte? Infelizmente, às portas do século 21, com olhos emprestados de 200 anos atrás, uma miopia que, ainda mais grave, se estende também aos nossos museus, os quais, em vez de seguirem a evolução do tempo e da sociedade, preferem se manter como espaços sacrosantos para a fruição do belo. A distância, é claro. Cansada desse descompasso, a pesquisadora Maria Cristina Freire decidiu que era hora de questionar não o objeto de arte, mas qual o objeto da arte. E começou a cutucar o trabalho dessas instituições em seu próprio trabalho: o Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), ao qual está ligada há 10 anos.

“Preocupava-me como o museu tratava a produção contemporânea, em especial a chamada arte conceitual, que não se enquadra nos padrões da arte tradicional”, conta. “Esse grupo de obras, dos anos 70, estava à deriva no MAC, empilhadas nos corredores, o que, para mim, era lugar simbólico, uma espécie de limbo já que, dentro dos limites rígidos dos nossos museus, ainda preso aos velhos conceitos das belas-artes, não havia classificação possível para aquelas criações experimentais que pediam reflexão e não admiração”, analisa.

Em 1997, Cristina recebeu um auxílio à pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no valor de R\$ 11,7 mil para desenvolver o projeto *A Estética do Processo, Arte Conceitual no Museu de Arte Contemporânea da USP: levantamento e pesquisa* e, pouco de-

pois, ganhou da instituição mais duas bolsas de Capacitação Técnica que garantiram o desdobramento da investigação teórica na prática da documentação, catalogação e restauro das obras que analisava. A professora acaba de lançar o resultado de sua pesquisa em livro, *Poéticas do Processo: Arte Conceitual no Museu* (Iluminuras, 197 págs.)



Cristina Freire: museu como espaço de experimentação

Movimento iniciado nos anos 60, nos EUA, a arte conceitual pretendia pôr em xeque a confortável arte tradicional que pouco exigia do espectador além de seu olhar admirado. Usando materiais inusitados, como lixo ou xerox, os novos criadores queriam que o público visse suas obras como reflexões sobre o mundo contemporâneo, articulando estética às questões sociais e políticas.

Ainda está vago? Bem, os próprios estudiosos têm dificuldades em classificar essa modalidade artística cuja base, no entanto, está explícita em seu nome: conceito, idéia, para além da forma. “Entendo a arte conceitual como aquela em que vigora a

preponderância da idéia; que tem uma atitude crítica frente às instituições, em especial, os museus; que crê no uso de meios transitórios e materiais precários (como livros de artistas, fotos, vídeos, filmes superoito, papéis, lixo, etc.); e utiliza canais alternativos de circulação, como o correio, no caso da arte postal”, define a pesquisadora.

No Brasil, os principais nomes associados à arte conceitual são: Regina Silveira, Carlos Zílio, Genilson Soares, Júlio Plaza, entre outros. Mas não havia barreiras para a expressão. “Graças aos esforços de Walter Zanini, criador do MAC, os criadores na-

cionais entraram em contato com os meios internacionais e tiveram a possibilidade de experimentar novas técnicas”, diz. Eis a chave do estudo de Cristina: retomar essa função primordial dos museus, entendidos como espaço de experimentação e não de sacralização.

Para tanto, Cristina iniciou um levantamento do acervo do MAC-USP, entrevistando os artistas daquele período (a fim de entender o impacto e as intenções do movimento conceitual) e partindo, em seguida, para a prática, identificando obras, iniciando a sua catalogação e conservação. Os resultados foram surpreendentes. “Descobrimos, por exemplo, fotos



Arte conceitual: Manuel Casimiro, *Projeto Porto de Nice*, 1976. Diapositivos em cores. Detalhe

valiosíssimas do polonês Krzysztof Wodiczko, que, hoje, o museu não teria condições econômicas de comprar e de que o próprio artista, quando esteve aqui no ano passado, nem mais se lembrava”, conta.

“São testemunhos de tempos em que se pensava o museu como um fórum de debate e não de venda de camisetas e marketing cultural”, critica a professora. E que, ainda assim, num curioso paradoxo, lotavam as exposições. “Embora tivessem por função incomodar o espectador, levantar dúvidas e não distraí-lo, as mostras ficavam cheias”, revela. “Apenas os críticos não entendiam a arte conceitual, porque acreditavam que a arte e os museus exigiam uma atitude reverencial”, avalia Cristina.

Mas, lembra a pesquisadora, esses desencontros não foram privilégios dos trópicos. No Moma (Museum of Modern Art), de Nova York, os curadores pegaram *One and Three Chairs*, obra de Joseph Kosuth, que reunia uma cadeira e suas figurações artísticas em fotografia e palavras e mandaram a cadeira para uma ala do museu, a foto para o departamento de fotografia e o verbete de dicionário (as palavras) para a biblioteca. A instituição americana, aliás, foi o paradigma de museu de arte contemporânea importado para



Paulo Bruscky, *Arte por Correspondência*, 1975



Augusto de Campos e Julio Plaza, *Caixa Preta*, 1975

o Brasil. “Em que predomina a pedagogia visual, narrar a história da arte como uma ideologia do progresso, modelo adotado pelo MAM, do Rio, e, mais tarde, pelo MAC”, fala.

Beneficiada pelo auxílio da FAPESP, que pagou a telecinagem de 12

filmes de artistas conceituais e permitiu a compra de equipamentos e materiais para o ordenamento do acervo do MAC, Cristina pretende implementar um arquivo de arte contemporânea que abra um espaço definitivo para essas obras na instituição. “Elas são testemunhos fundamentais daquele tempo e dos esforços de um grupo de artistas em partir da práxis ritual da arte para a práxis política”, avisa. A conclusão de sua pesquisa é um duro golpe nos museus. “As instituições não acompanham as novas propostas dos criadores há pelo menos duas décadas”, assegura. Há olhos que precisam, com urgência, de um oculista para olhar o futuro de frente. •

#### PERFIL:

• MARIA CRISTINA FREIRE é graduada em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado e doutorado em psicologia social na mesma instituição. Fez mestrado em administração de museus e galerias de arte na City

University, de Londres. É pesquisadora e professora do MAC-USP.

Projeto: *A Estética do Processo, Arte Conceitual no Acervo do Museu de Arte Contemporânea: Levantamento e Pesquisa*

Investimento: R\$ 11,7 mil